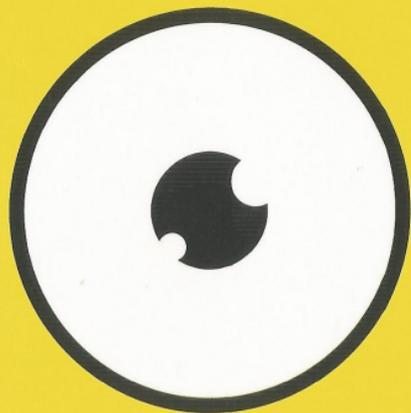


www.brancodoolho.com.br



Branco do olho

Realização



Patrocínio



Apoio cultural



Apoio

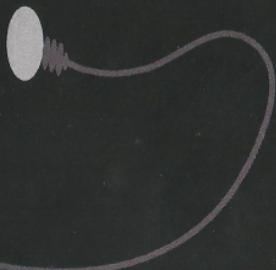
Constituidora
Andrade Guedes



VIA ARQUITETURA



exposições
relâmpago



Dar à luz

Um dos pensamentos que mais me impressionou até hoje – dos poucos aos quais já tive acesso – foi o de Bertolt Brecht. Sua crença de que a arte seria, necessariamente, um instrumento de ação sobre a “realidade”, e a noção de criticidade que desta concepção de arte deriva, muito me seduziram e influenciaram.

A idéia que outrora mais me cativava – e que ainda hoje me faz remexer as dúvidas e certezas – é, sem dúvida, a do *distanciamento crítico*. Grosso modo, dizia Brecht que, para que o público de arte pudesse construir uma reflexão crítica – através da arte – acerca de sua própria realidade, ele não poderia possuir a sensação da *empatia*; ao contrário, deveria semear o distanciamento em relação à “realidade” pela arte reínterpretada, pois, só assim, haveria espaço para a instauração do pensamento crítico.

Em outras palavras, o dramaturgo alemão acreditava que, por exemplo, ao assistirmos a um espetáculo sobre a miséria, somente nos posicionaríamos criticamente em relação ao tema se não sofriéssemos uma ação empática – ou seja: apenas se não nos comovéssemos a ponto de nos colocar no lugar dos personagens, é que poderíamos fazer surgir criticidade em relação à situação pela

arte apresentada. Seria necessário não nos entregar ao choro e à compaixão, mas manter bem acesa nossa consciência de que aquela situação teatral não é uma “realidade em si”, mas uma encenação diante da qual devemos (criticamente) nos posicionar – indignando-nos –, e não nos deixar tomar catarticamente.

A partir do belo pensamento brechtiniano, passei a acreditar que, se eu algum dia pretendia mesmo desenvolver crítica de arte, precisaria manter-me suficientemente distanciada dos artistas para fazer brotar os parâmetros críticos necessários para tal atividade. Era preciso não criar empatia demais. Daí, algumas noções derivaram – como a idéia de que não seria interessante que eu apostasse no desenvolvimento de uma poética pessoal, para que minhas escolhas estéticas de artista não viessem, por exemplo, a contaminar minhas análises e gostos de crítica. Até então, a concepção que eu possuía da crítica de arte aproximava-se dos critérios pretensamente científicos de objetividade e imparcialidade.

Todavia, algum tempo depois, Brecht já me soava menos incontestado, e eu me percebia imbuída de uma noção de crítica de arte quase que oposta àquela anunciada pelo dramaturgo – concepção esta que apelidei de *crítica de imersão*.

Tal pensamento tinha suas bases na crença de que, para se permitir vivenciar a arte com intensidade – e, conseqüentemente, ter mais segurança e “legitimidade” para sobre ela discursar –, seria ideal uma contaminação, uma imersão em seus paradigmas e conflitos. Com esse pensamento, naturalmente surgiu em mim um maior desprendimento em relação à anterior rígida separação entre atividade crítica (supostamente imparcial) e artística (entendida como totalmente subjetiva) – percebi que havia, entre essas duas esferas da produção de arte, mais semelhanças do que antes eu percebera.

A partir dessa “alteração paradigmática”, dentre outras transformações que me permiti experienciar, estavam a produção de arte “propriamente dita” e o contato intenso – de amizade e, inclusive, amor – com artistas e obras em relação aos quais eu anteriormente acreditava ser importante manter um *distanciamento crítico*. Com o tempo, descumprindo o que eu compreendia como os princípios

brechtinianos acerca da instauração do pensamento crítico, estava eu completamente imersa em empatias mil.

Ainda assim, como então (e como ainda agora, suponho) eu estava razoavelmente certa da minha *crítica de imersão*, não me intimidei diante do exercício crítico contaminado e pus-me a refletir.

Eis que, com o início do Programa de Exposições-Relâmpago do Branco do Olho, eu tinha em mãos a oportunidade ideal para testar minhas ideologias imersivas. Era meu papel escrever – criticamente, ênfase – sobre os artistas que compunham o coletivo do qual faço parte e com quem mantenho relações de amizade várias (e íntimas). Ademais, além da intimidade, a condição de “estar próximo” já me possibilitava incontáveis contatos anteriores – e em processo – com os trabalhos desses artistas (em certos casos, eu participava ativamente da produção dos trabalhos a serem mostrados). Estavam, portanto, muitas vezes, para mim escancaradas inúmeras das inseguranças daqueles criadores, e me cabia, então, um exercício de muita ética e sensibilidade ao lidar criticamente com as obras por eles produzidas. Por fim, curtos períodos de tempo (e de espaço) me obrigavam a uma crítica quase que “instantânea” que, justamente por sê-lo, precisava fazer uso da minha (supostamente) benéfica condição de imersão. Todo um intenso ambiente de aprendizado de uma “crítica trainee” – no caso, eu mesma – estava preparado.

Primeiramente, era preciso manter ereta minha obstinação de fazer uma crítica honesta, que não pretende mascarar suas questões, mas, contrariamente, escancará-las, almejando fazer surgir um debate. Era essencial, portanto, expressar as minhas verdades. Queria fugir de textos descritivos ou imparciais (que alguns chamariam “em cima do muro”), e me entregar à confortável – ainda que instável – condição de praticar a *autosinceridade*, sem maiores receios de esbanjar minhas opiniões – ainda que, porventura, pouco tempo depois eu mesma as pudesse julgar imaturas, burras ou superficiais...

Nesse sentido, meu desafio inicial (e eterno) foi/tem sido aprender a

converter uma impressão em um argumento. Sensações de desafeição por determinada obra, por exemplo, precisavam ser minimamente racionalizadas e compreendidas em termos lingüísticos e, portanto, lógicos. E mais: era necessário convencer o leitor (e, sobretudo, o artista) de que minha desafeição não era arbitrária – por mais que ela possuísse raízes subjetivas inefáveis. E, em meio a esse exercício de transformar sentimentos em palavras e argumentos cognoscíveis, era importante buscar não abalar egos ou, o que é mais importante, não chatear amigos tão queridos.

Mais adiante, dando vazão aos meus impulsos criativos, por vezes fazia-se urgente certa investigação literária no terreno do texto crítico. Alguns experimentos bem pessoais foram levados a cabo: textos-poemas, textos-degenerados. Nem eu mesma sabia por quê. Mais uma vez, contaminada por uma imersão em ambiente artístico, eu também queria instaurar pontos de entropia em minhas próprias metodologias de escritura. Assim sendo, inúmeras foram as variações durante um ano de exposições. Uma, sobretudo, me fazia pensar: que tipo de texto crítico é aquele que, de tão literário e autoral, torna-se, ele mesmo, uma outra obra? Como manter um apelo literário sem perder a referência crítica ao trabalho do artista?

Também, algumas desconfianças em relação à insensibilidade ou desapuro de meu “olhar”. O que fazer com a crise que se instaura quando não se sabe o que se sente diante de uma determinada obra, quando esta não lhe emociona, e, ainda assim, é preciso dizer algo sobre? Ou, como agir quando se tem a nítida impressão de que o que se pensa está muito aquém do que se imagina que a obra suscita? Em certos momentos, senti precisão de manter clara a consciência de que as questões por mim levantadas nos textos não eram explícita e necessariamente questões das obras, mas dúvidas minhas que, inevitavelmente, eram-acesas pelo embate com alguns trabalhos. Como uma faísca, determinadas obras despertavam em mim problemáticas ideológicas que fazem parte deste meu momento de maturidade de olhar, sentimento e pensamento e que, portanto, de

acordo com meus princípios de *autosinceridade*, não poderiam ser encobertos. Aqui também uma grande urgência de imersão – em mim mesma, desta vez. E o similar cuidado para não abalar egos – alheios e meus...

Por fim, a expectativa da reação: a resposta – tantas vezes apáticas – dos artistas às críticas elaboradas... No início, o receio de reações passionais. No meio, a vontade do debate mais intenso. Ao final, a ligeira desconfiança de que as críticas foram pouco “úteis” ou de que tocaram fundo a ponto de silenciar. É ainda muito difícil discutir criticamente por aqui! – mesmo entre amigos. Admiro bastante aqueles – poucos – artistas que não se “intimidaram” ou foram “indiferentes”, e que, ao contrário, trataram meus textos como pontos de debate, exercendo, eles próprios, sua criticidade (sobretudo em relação à crítica de arte). Faz parte de meus desejos e anseios de “crítica trainee” que minha atividade possua alguma função para os artistas, e não só para mim.

Agora, ao final de um ano de Programa de Exposições-Relâmpago, fico aqui pensando no teórico duopólio *distanciamento – imersão* e em como eu o vivenciei durante esse frenético período de trabalho. Ainda que sinta o lado direito da relação – o da imersão – pesar mais que o outro, percebo que o antes parecia tese-antítese, hoje se configura como uma relação unidual. Ademais, não creio ter alcançado (ou mesmo que seja plausível almejar) uma síntese dialética dessa relação. É o processo de constante entrada e saída, ida e vinda, começo e recomeço, que parece melhor funcionar para pensar a arte (e a minha crítica).

Com o Branco do Olho, cheguei perto para conhecer, mergulhar e permitir-me contaminar de todas as maneiras possíveis, bem como me distanciei para tentar alçar contextualizações mais amplas e mais significativas. Mormente, precisei, simultânea e desenfreadamente, mergulhar e distanciar-me de mim mesma, na pretensão de melhor compreender meus sentimentos e, posteriormente, captar sua posição relativa no mundo. Enchi-me de contínuos movimentos de pausas e decolagens rumo àquilo que ainda não conheço e que, justamente por desconhecido estar, me seduz e volta a seduzir.

Clarissa Diniz

exposições relâmpago

Produção
Bárbara Collier

Proponente
Bruno Monteiro

Textos Críticos
Clarissa Diniz

Design Gráfico
Bruno Vilela | UFO design
Tatiana Mões

Fotos
Rodrigo Braga

Execução financeira
Sílvia Mélo

Montagem
Edson Barbosa
Rodrigo Braga

Projeto Luminotécnico
Via Arquitetura

Agradecimentos

Amigos e familiares
Andrea Neves
Art Monta
Casa das Placas
Ednilson Speck
Expo Metal
Fargo
Isabelle Barros
Joelson
Jorge Holanda
Júlio Cavani
Márcia Chamixaes
Mecol
Museu da Cidade do Recife
Museu Murillo La Greca | Beth da Matta
Olívia Mindêlo
Portal Dois Pontos
Printwork
Soraya Fonseca
Super Lab
Tom Produções
Top Cenografia
SIC | a toda a equipe

[www.brancodoolho.com.br]
brancodoolho@yahoogrupos.com.br